

Entrevista deixa tucanos eufóricos

PSDB diz que Fernando Henrique começou a trilhar um novo caminho e que impacto eleitoral vai ser positivo

Partido fica mais animado para as eleições e quer fazer uma grande festa de lançamento da candidatura do Presidente

SÓCRATES ARANTES

Os tucanos ficaram simplesmente encantados com a entrevista coletiva do presidente Fernando Henrique e estão mais animados para as eleições deste ano. "Fernando Henrique começou hoje (ontem) a trilhar um novo caminho e até lembrou a sua primeira conferência de imprensa, em 1995, aquela que encantou até os seus adversários", disse o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio Netto (AM). Os peessedebistas ficaram tão satisfeitos que ontem mesmo, durante um almoço, definiram que a convenção do dia 20 de junho - quando Fernando Henrique vai ser indicado candidato - será uma grande "festa". Só falta definir o local, já que o Presidente não quer festa na capital da República, governada pelo PT.

O otimismo dos tucanos era perceptível em todas as rodas de conversa no Congresso Nacional.

Até o presidente do partido, senador Teotônio Vilela (AL), que não pôde assistir ao pronunciamento, terminou gostando da repercussão positiva. "Não vi, mas gostei do que me contaram. Era o que o PSDB queria e Fernando Henrique atendeu plenamente", disse o parlamentar.

Segundo os tucanos, o Presidente fez tudo o que eles queriam: foi humilde a ponto de reconhecer que errou algumas vezes, não usou o tom agressivo dos últimos dias, mostrou preocupação social ao falar longamente da seca e conseguiu passar para a opinião pública o seu cuidado em não ultrapassar os limites do exercício da Presidência, atendendo à legislação eleitoral.

"Surgiu o candidato Fernando Henrique, que soube demarcar bem o espaço do presidente e do postulante à reeleição", definiu Arthur Virgílio. O deputado Arnaldo Madeira se entusiasmou

com a demonstração pública de preocupação social com os flagelados da seca. "A entrevista foi basicamente sobre a questão social e Fernando Henrique mostrou que é presidente e candidato".

O líder na Câmara, Aécio Neves (MG), fez uma análise da entrevista: "É claro que isso tem um impacto eleitoral positivo. Fernando Henrique foi sincero ao mostrar onde o Governo avançou e onde não avançou. Ficou claro que o PSDB tem um projeto para o País e a população tem esse projeto, de um lado, e do outro lado o desconhecido", disse referindo-se às propostas dos candidatos da oposição. "O ruim desta eleição é que não está acontecendo nada do outro lado e temos dificuldade para aniquilar os adversários

porque não existem idéias deles a serem combatidas", cutucou o líder tucano.

Festa

O senador Teotônio Vilela é quem está escolhendo o local onde será feita a convenção do partido. Ele faz mistério, mas as opções são poucas: será num Estado comandado por um tucano, que tenha a reeleição garantida. O maior ninho tucano do Brasil é o Ceará, onde Tasso Jereissatti não tem adversário, os três senadores são do

PSDB e a maioria dos deputados é do partido. O único senão contra Fortaleza é o fato de haver seca no Nordeste, mas não é um obstáculo contra a euforia do tucanato.

Antes disso, o PSDB vai lançar as suas bandeiras para a campanha deste ano, no Rio de Janeiro. No caso, falta definir a data e as bandeiras, um tema complicado porque o partido não quer atropelar o programa da aliança com PFL, PPB, PTB e PFL.

efeitos da seca".

Probleminha

Segundo Lula, tentar jogar a culpa da fome na seca é não conhecer nada do Nordeste. "A seca é um problema da natureza; a fome é falta de políticas de investimento do Governo federal". Lula disse que Fernando Henrique citou a Barragem de Serrinha, em Pernambuco, como um grande feito do Governo atual. "Só que Fernando Henrique não sabe que o açude foi inaugurado em março de 1996 e até agora não produziu um único pé de feijão, porque não tem um centímetro de irrigação". Quanto ao comentário de Fernando Henrique, de que Lula tem alguns "probleminhas", ele disse: "Estou com um probleminha de crescimento".

Lula tornou a defender os saques de alimentos. Segundo ele, quando a pessoa está passando fome há mais de três dias, pegar uns quilos de alimento é defender a própria vida. Ele disse que, por tomar café da manhã, almoçar e jantar todos os dias, não vai fazer nenhum saque. Mas entenda os que, com fome, invadem os armazéns do Governo para apanhar a comida. Hoje de manhã Lula vai visitar Lagoa Grande, uma das cidades mais atingidas pela seca, que fica a 60 quilômetros de Petrolina.

PRINCIPAIS TRECHOS

Fotos: Humberto Pradera



Erros/pesquisa

"Eu não quero negar que o Governo também errou numa porção de coisas. Eu também errei. É o normal. Isso aqui é um processo e ninguém é infalível. Mas quando você erra aqui, trata de corrigir. E as pessoas acompanham: errou, corrigiu, voltou, mudou. Por isso que é oscilante. Eu posso dar outros números, outras pesquisas. Não adianta nada. Eu não faço guerra de pesquisa porque isso é guerra psicológica e, como eu não estou em campanha, eu não faço guerra psicológica. Eu reconheço que tivemos problemas. Vamos corrigir, estamos corrigindo. O que nós temos é não perder o rumo, a confiança, e a população tem que sentir. Se a população não quiser também, não quis, achou que está errado, tudo bem. Aqui é uma democracia. O que eu quero dizer apenas é o seguinte: mesmo quando eu erro, erro porque eu não sei, ou porque a minha convicção estava errada, não foi por má-fé; não foi porque eu não queira o bem do Brasil. Qual é o presidente da República que vai querer que pegue fogo na mata? Só Nero. E não foi na mata, foi nas cidades. Eu posso até aceitar críticas à lentidão. O que eu tiro de uma crítica dessas? Vamos ter que agir mais depressa. Agora, isso vai influenciar no eleitorado? Vamos ver. Tem outras coisas que podem influenciar também".

Comunicação

"Eu não quero assumir também este ponto de vista de que o problema é de comunicação. Eu acabei de dizer: há erro. Eu não estou dizendo que é só de comunicação. Não é meu estilo tapar o sol com a peneira. É um conjunto de coisas. Acredito que você tem que olhar também dinamicamente isso: em certos momentos você faz coisas que repercutem bem, outras que vai repercutir mal. Você tem que ver num processo, no tempo, qual é a média. E é a opinião pública que tem que julgar isso, não sou eu; eu tenho que tomar a lição e aprender, levar em consideração".

Bola da vez

"Com relação à questão de bolsa, eu prefiro não entrar nessa cogitação. O Brasil tem que acabar com essa mania de ser "a bola da vez". O próprio Brasil inventar isso, não dá. Nós gostamos tanto de futebol que pensamos que o País é bola. Isso aqui não é bola, não. Este é um país que pensa, que atua, que reage. E assim vai ser. A situação econômica do Brasil é boa, nós temos confiança e temos decisão. Vamos ver o que acontece".

Greve

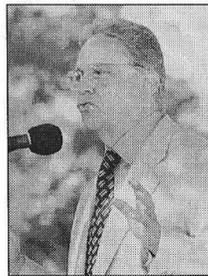
"Pode ser mais doído para um presidente, que é professor, ter universidade em greve e ter que cortar o ponto? É doído, mas tem que fazer e faz. Acho até que nós temos que conversar mais com os professores; não é do meu estilo rupturas de diálogo, pelo contrário. Eu sou democrata. É difícil ser democrata no Brasil, porque o democrata tem que aceitar a opinião do outro e tem que tentar ganhar, convencer. Eu acho que nós temos que construir a democracia. Sei que estou num momento que eu tenho que pensar dez vezes sobre os

passos por causa do conjunto de regras sobre reeleição que é novo no Brasil".

Reformas

"As reformas que foram mandadas foram pregadas na campanha por mim. Depois, alguém se surpreendeu. Segundo, eu tenho me empenhado nessas reformas a fundo. A leitura mais malévola é de que eu me empenhei pela reforma da reeleição. Se forem verificar os meus discursos, as minhas ações, as minhas conversas, há fundo por todas as reformas, com a ajuda evidentemente de líderes do Congresso, de ministros e até de certo ponto de setores de opinião pública. Tudo isso porque para o Brasil dar o salto que nós queremos que ele dê, nós precisamos das reformas".

Marketeiro



"Eu não estou aqui para ser popular, mas, sim fazer o que o Brasil precisa. E faço isso, não vou perguntar a um marketeiro se eu devo dizer isso ou aquilo, eu procuro dizer aquilo que sinto como verdade. Posso até estar errado, mas a minha motivação é dizer que o País precisa avançar, o País tem tudo. Se você andar comigo no Exterior - e alguns aqui andam - vê como mudou o Brasil, vê o respeito que nós temos. Agora, para isso ser garantido, é preciso dar continuidade. Não é uma coisa que seja sólida, é uma coisa que pode vir a ser mais sólida se nós seguirmos no rumo que nós traçamos. É preciso coragem também, com tranqüilidade de ir enfrentando os problemas, perde uma guerra, ganha outra, perde numa reforma, cede num ponto, avança no outro, isso é democrático. Nós vamos continuar nesse rumo, nós vamos fazer mais reformas porque, senão, é dar para trás, o que significa inflação, piora de distribuição de renda, descrédito no Exterior, diminuição de investimento e queda de emprego".

Déficit/combate



"Hoje, é verdade, o Brasil tem problema aqui, problema ali, mas o Brasil tem capacidade de resposta e, de novo, agradeço ao Congresso o que aconteceu em dezembro porque foi fundamental que nós fizessemos dado a resposta em outubro. Agora, é fácil dizer "não deveria ter feito". Ora, e se não tivesse sido feito? Porque não olham a história e vejam o que está acontecendo nos outros países que não fizeram o que nós fizemos e olhem o que está acontecendo aqui? É uma diferença imensa. Essa atitude, um Brasil confiante e um Brasil, se possível, mais sorridente, não um sorriso diante de miséria que aí tem que ser vista com tristeza, tem que haver revolta e indignação, mas sorridente diante da possibilidade de acabar com ela, diante da possibilidade de

nós continuarmos investindo, olhando grande e não transformando cada pequeno acontecimento numa coisa dramática simplesmente para dar angústia. Eu não vou sair dessa crença, desse estilo, com ou sem campanha, não vai mudar nada, nós vamos continuar lutando contra o déficit fiscal porque ele vem hoje dramaticamente da Previdência e da taxa de juros. A taxa de juros, por sua vez, está dramaticamente ligada à necessidade que o Governo tem de fazer empréstimo".

Vagabundos

O dia inteiro eu apelo a todos com quem eu falo, e sobretudo a vocês, que transmitam opinião, que apenas transmitam, não interpretem antes da hora. Não peguem uma palavra e transformem ela em pensamento. Não é que isso não ajuda a mim, é que não ajuda ao Brasil, distorce qual é o verdadeiro problema, o que nós estamos fazendo. Eu digo sinceramente, com patriotismo, que nós não podemos deixar que escape das nossas mãos a chance de entrarmos no próximo século de cabeça erguida, sem essas tragédias de pobreza do Brasil. Parece-me errado simplesmente mostrar a tragédia e não mostrar que estamos saindo, estamos avançando. Aí você fica num círculo vicioso e quem paga não somos nós, são os que estão na pior".

Pacote

"Não vai haver novo pacote, novo nada. Isso é desneces-



sário e está fora de cogitação. Medidas o Governo toma todos os dias. Governar é tomar medida e quando não toma está tomando. A inércia não é um tipo de medida. Medida o Governo toma todo o dia e vai continuar tomando".

Candidato

"Eu não posso mesmo separar a condição, se vier a ser candidato, de candidato de presidente. Mas não no sentido negativo, no sentido positivo. O candidato tem que pensar sempre que ele também é presidente. Então certas coisas que um candidato que não é presidente pode fazer um que é presidente não pode. E por outro lado não pode fazer o que como presidente poderia, se não fosse candidato, porque é candidato. Aqui não podemos pensar em termos nem pessoais, nem partidários. Nós temos que construir a democracia no Brasil. A Justiça vai ajudar, a oposição ajuda, mesmo quando ela destrambelha. Mesmo quando ela fala coisas que não são verdadeiras, a respeito do que o Governo fez. O Governo fez não sei o que, e aí julgamos a intenção. A coisa que mais me diverte é quando julgamos a intenção. Fez isso porque queria aquilo, mas quem é que sabe o que eu queria, às vezes nem eu".

Frente de trabalho

"Eu acho que nós estamos plenamente em condições de, quando a seca realmente chegar àqueles aspectos mais generalizados de dramaticidade, que é em julho, agosto, do Brasil ter condições de dizer: não vai morrer ninguém de fome aqui. Não haverá brasileiro do Nordeste alcançado por esse flagelo,

que não vai ter a solidariedade do povo do Brasil e do Governo do Brasil. Vai haver. Há disposição, decisão do Governo e há a organização para que esses recursos cheguem lá. Isto não substitui a distribuição de cestas básicas".

Cesta básica

"Nós distribuímos primeiro uma cesta precária, de urgência, porque não havia nos depósitos comida suficiente. Pois bem, creio que foram nove quilos de comida e só não foram recolhidas as cestas que estão nos 50 postos da Conab, comida para 157 municípios. Não foram recolhidos porque aí é uma questão local, o prefeito é que tem que se organizar. Não adianta dizer que é o Governo federal, é o prefeito que tem que organizar a comissão que tem que ir lá e buscar e dar a comida. Já perguntei porque esses 157 não receberam e as causas são variadas. Claro que isso não exime a nossa responsabilidade coletiva".

Frente produtiva

"Acredito que hoje está começando a distribuição da segunda cesta, que tem 19 quilos. Vejam bem, nós não estamos dizendo que agora vai haver frente produtiva e, portanto, diminuam as cestas. Nós temos que ser bastante realistas e solidários. O Nordeste quer respeito e dignidade. Ele aceita comida porque precisa, mas o que ele quer é trabalho. Então, na medida em que houver mais trabalho, é natural também que diminua a demanda por cestas básicas".

Saques/Exército

"Promover saque é fazer um assalto ao interesse do povo, é utilizar esse drama para chamar a atenção para um problema que é real, que nós somos os primeiros a chamar, atrapalha, desestabiliza o País porque fica pensando que existe uma possibilidade de perda de controle. E eu até apelaria, como já apelei uma vez como presidente da República: se quiserem brigar esperem a campanha eleitoral, mas não utilizem, pelo menos antes dela, aquilo que é do interesse do povo para simplesmente minar a credibilidade do Governo. Não é correto. E eu não estou me queixando em termos pessoais, estou fazendo como brasileiro. Não é solidário para os que precisam de comer. Assaltar a Cobal só tem um significado: é desordem, é baderna, é chamar a atenção da imprensa.

Eleições/estaduais

"Se eu for candidato, como tudo indica, eu terei um amplo apoio. Não é a primeira vez. Em 94 foi assim também. O que o candidato precisa ter não é apoio meu, é do povo. Da mesma forma de quem vier a ser candidato da República precisa ter apoio do povo. O Brasil é um país que tem uma opinião pública que se forma com muita velocidade, que toma decisão, é independente. Ou o candidato tem apoio do povo, ou não adianta nada. Eu acho que nosso povo está cada vez mais reflexivo.

Promessas cumpridas

Não há área, destas do programa Mãos a Obra e outras mais, em que o Governo não tenha proposto políticas, feito políticas, tratado de mudar, influenciado no rumo. Não estou dizendo que as promessas de campanha foram cumpridas. O que eu disse é que não foi possível cumprir tudo. Eu disse que nós avançamos bastante no rumo".